

ANÁLISES HISTÓRICA E ICONOGRÁFICA DO CERCO MILITAR DE LAQUISH

HISTORICAL AND ICONOCLASTIC ANALYSIS AT THE MILITARY SIEGE AROUND LAQUISH CITY

Luiz Alexandre Solano Rossi¹

Bruno Cezar Damasceno²

RESUMO

O mundo antigo é marcado profundamente por um regime bélico. As narrativas de reis e generais constroem uma história articulada nas grandes batalhas. Dessa forma, o objetivo norteador da pesquisa é estudar o mundo antigo e seus impérios, fundamentados na violência militar. O presente trabalho pretende ir além dos detalhes técnicos, tais como: as formações de guerra, armamentos, táticas e inovações técnicas; visa aos porquês da guerra, dos exércitos e, além disso, pretende lançar o olhar sobre a guerra para além de generais e soldados, que permita resgatar a memória de suas vítimas, aqueles sobre os quais a guerra objetiva controle e sobre os quais produz tanto sofrimento e morte. O eixo interpretativo da nossa pesquisa é a história de dominação do povo judeu pelos grandes Impérios. De forma específica, este trabalho visa à reconstrução historiográfica do império Assírio sob o domínio de Senaqueribe e, numa de suas ações militares, ao cerco militar da cidade de Laquish. O objetivo da pesquisa é o de reconstruir a histórica econômica, social, política e militar de Israel no período sob o domínio do rei assírio Senaqueribe bem como um dos mais famosos cercos militares ocorridos – a cidade de Laquish – a fim de analisar as ações militares dos impérios antigos e sua repercussão violenta nos estados menores. Método: através de um recorte histórico, mais precisamente dos séculos IX ao VII a.C, buscamos recolher dados para a reconstrução histórica do Império Assírio e, principalmente, de sua estrutura político-militar, para então, na etapa posterior da pesquisa, determo-nos no recorte específico do cerco militar de Laquish.

¹ Pós-doutor em Teologia e em História Antiga. Professor da PUCPR. Email: luizalexanderossi@yahoo.com.br.

² Bacharel em Filosofia e Teologia. Email: brunocesar.sac@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Militarismo; Violência; História Antiga; Assíria; Israel

ABSTRACT

The ancient world is profoundly marked by a martial regime. The narratives concerning kings and generals build a history articulated in large - great - battles. Thus – in this perspective – the guiding aim is studying – to study – the ancient world and its empires, based – founded – in martial violence. This work – paper aims at going beyond the technical details, such as war constitution: training for wars, weapons – arming – tactics and technical innovations; it – this work – paper aims at understanding the reasons concerning the war, the armies and furthermore, it this work / paper – pretends – seeks – gazing upon the war beyond the generals and soldiers viewing, allowing rescuing the remembrances regarding its victims, those ones that the war intends getting control about and those it – the war – bears such a large suffering and death upon. Our research interpretative axis is directed toward the Jewish domination history from the large – great - empires. In the specific way – specially – this work / paper aims at the Assyrian empire historiography reconstruction under Sennacherib's dominance – rule – and in one his martial actions, at the military siege around Laquish City. This research aim is directed toward the Israel historical, economic, social, political and military reconstruction, in the period which it – Israel – was in under the Assyrian King Sennacherib's dominance – rule –, as well as one of the most famous martial sieges - the Laquish City that one – in order to analyze the ancient empires' martial actions and their violent impact on smaller states. Method: Through a historical view – bias – more precisely from the centuries IXth to the VIIth that one, we have sought collecting the data concerning the Assyrian Empire Historical reconstruction, and especially – meanly – its political and martial structure, in order, afterward, in this research stage, we could check in – dwell in – the Laquish martial siege specific focus – view.

PALAVRAS-CHAVE: Militarism; Violence; Ancient History; Assyria; Israel.

Introdução

O mundo antigo é marcado profundamente por um regime bélico. As narrativas de reis e generais constroem uma história articulada nas grandes batalhas. Dessa forma, o objetivo norteador da pesquisa é estudar o mundo antigo e seus impérios, fundamentados na violência militar.

O presente trabalho pretende ir além dos detalhes técnicos, tais como: as formações de guerra, armamentos, táticas e inovações técnicas; visa aos porquês da guerra, dos exércitos e, além disso, pretende lançar o olhar sobre a guerra para além de generais e soldados, que permita resgatar a memória de suas vítimas, aqueles sobre os quais a guerra objetiva controle e sobre os quais produz tanto sofrimento e morte.

O eixo interpretativo da nossa pesquisa é a história de dominação do povo judeu pelos grandes Impérios. De forma específica, este trabalho visa à reconstrução historiográfica do império Assírio sob o domínio de Senaqueribe e, numa de suas ações militares, ao cerco militar da cidade de Laquish.

Dessa forma, nosso objetivo é reconstruir a história econômica, social, política e militar no período sob o domínio do rei assírio Senaqueribe, bem como um dos mais famosos cercos militares ocorridos – a cidade de Laquish – a fim de analisar as ações militares dos impérios antigos e sua repercussão violenta nos estados menores.

1. O Império Assírio

O Império Assírio é fortemente marcado por uma ambição sem limites que se expressa através de uma violência extrema, guerras e crueldades. As ações bélicas da Assíria criaram em todo o Oriente Próximo um clima de terror e opressão. Segundo Rossi: “Israel sentiu o impacto devastador desse exército diretamente e

a violência e opressão dentro desse estado devem ser observadas também como resultado do imperialismo internacional.” (2008, p. 43).

O exército neoassírio, no primeiro milênio a.C., ficou conhecido como referencial de poder e indestrutível força militar. O sucesso de suas campanhas era resultado de uma excelente formação tática dos chefes guerreiros e também na intenção e investimento dos soberanos em construir uma instituição pautada na guerra. A formação de um exército poderoso se deu ao longo de um processo de vários anos e reinados da Assíria: Sargão (721 – 705 a.C.), Senarquerib (704 – 681 a.C.), Assarddon (680 – 669 a.C.) e em grandes proporções no reinado de Assurbanipal (680 – 669 a.C.).

Para viabilizar economicamente o desenvolvimento da guerra, os assírios utilizavam a técnica da pilhagem, que era o saque por tropas militares quando ocupavam uma cidade inimiga. A organização social da Assíria girava em torno da constituição e manutenção do potencial militar.

Não bastava a conquista passageira dos territórios, empenhavam-se na incorporação definitiva das regiões e dos povos conquistados. O Império estava organizado num sistema de províncias que respondiam a um poder central dentro de um projeto político-militar extremamente enérgico.

Os povos conquistados eram tirados de suas terras, visando a diluir um sentimento nacionalista. A escravidão era mantida através de meios e métodos de brutalidade e selvageria.

O rei, em toda a sua crueldade, realizava destruições e extermínios em nome dos deuses. Era o representante das divindades da guerra. Segundo Rossi, os assírios desejavam ser lembrados como homens cruéis e, dessa forma, “consideravam-se o braço da potência destruidora que é o deus de Assur – o deus da guerra”

(2008, p. 44).

O Império era de caráter mercantil escravista. Seu exército era sustentado por elevados tributos cobrado dos povos conquistados. Sem admitir aliados, a Assíria buscava o domínio de todo o mundo conhecido. Entravam nas cidades através de cercos militares, saqueavam as propriedades e, muitas vezes, levavam os vencidos para cativeiros.

As narrativas bíblicas descrevem a opressão e a violência que os hebreus sofreram da Babilônia, Egito e Assíria. Em Na 3,1-3,18-19, segue o relato do escritor sagrado sobre Nínive (capital da Assíria):

Ai da cidade sanguinária, toda cheia de mentiras, repleta de despojos, onde não cessa a rapina! Estalido de chicotes, estrépitos de rodas, cavalos a galope, carros que pulam, ginetes que empinam, reluzir de espadas, cintilar de lanças, multidão de feridos, mortos em massa, cadáveres sem fim, tropeça-se em seus cadáveres! [...] Eles dormem teus pastores, rei da Assíria, teus capitães repousam. Teu povo foi disperso sobre as montanhas, ninguém mais poderá reuni-los. Não há cura para tua ferida, tua praga é incurável! Todos os que ouvem notícias sobre ti batem palmas a teu respeito; pois, sobre quem não passou continuamente a tua maldade?

O auge do poderio do Império Assírio se deu na segunda metade do século VIII, sob Tiglat-Peliser III (745-727). Grande organizador e hábil militar, conseguiu revolucionar as técnicas de guerras, e governou tendo como projeto uma política expansionista baseada num sistema de avassalamento e de uma superioridade militar.

A expansão assíria vai do século IX ao VII. Antes suas ações militares não visavam a conquistas permanentes. Segundo Donner, a Assíria necessitava “de uma concepção clara e objetiva e de um homem que a soubesse interpretar e manejar soberanamente para manejar o império” (1997, p. 344). Esse homem foi Tiglate-Pileser

III. Sua intenção não era conquistar pequenos povos e extorqui-los, mas conquistar permanentemente grandes nações. Nesse período, o projeto assírio pode ser resumido, segundo Bright, dessa forma: “conquistar, ocupar, dominar” (2003, p. 328).

Segundo Gottwald (1986, p. 25), o exército neoassírio, compreendido entre 745-612 a.C, era um exército de infantaria, cavalaria e carros de combate suplementados por unidades de cerco com baterias de aríetes e comandos para minar os muros das cidades. Houve uma mudança significativa no sistema de manutenção do exército sob o domínio de Senaqueribe, visto que passou incorporar tropas capturadas e o emprego de mercenários, o que antes eram somente os cidadãos assírios livres.

O exército assírio se torna de uma eficácia impressionante e aprimorou com o tempo. Por trás de todo o sucesso adquirido, estava a combinação de uma ideologia religiosa e também de um governo centralista e violento. Segundo Donner

O rei, como mandatário do deus imperial Assur, estava à testa de um imenso exército de funcionários civis e militares, que eram obrigados a lhe prestar contas da mesma forma que ele a Deus. A isso somou-se como condição prévia da política externa imperialista, a formação e a manutenção de um exército permanente de grande força combativa, com destacamentos de carros de guerra e, pela primeira vez, também com uma cavalaria, que podia entrar em combate com extrema rapidez e eficácia. (1997, p. 338)

A Assíria se tornou um império temido pela sua crueldade e violência. Israel, subjugada ao domínio assírio, conheceu a brutalidade e a impiedade do Império. O profeta Isaías descreve a força militar do Império Assírio com as seguintes palavras:

Ele deu sinal de um povo distante, assobiou-lhe desde os confins da terra; ei-lo que vem chegando apressado e ligeiro. No meio dele não há cansados nem claudicantes, não há nenhum sonolento, ninguém que dormite, ninguém que desate o cinto dos

seus lombos, ninguém que rompa a correia de suas sandálias. Suas flechas estão aguçadas e todos os seus arcos retesados, os cascos dos seus cavalos parecem sílex, as rodas dos seus carros lembram furacão. Seu rugido é como leoa, ruge como o leão novo; ruge enquanto agarra sua presa, arrebatada e não há quem consiga tomar-lha. (Is 5, 26-29)

O sucesso militar estava unido a uma forma de governo revolucionária nos reinados conquistados, migravam povos para aniquilar a existência desses como entidade independente, organizavam os territórios ocupados como províncias assírias e alistaram soldados por povos invadidos para o seu próprio exército.

2. Judá sob o reinado de ezequias

A conquista Assíria sobre Israel se dá entre meados do século oitavo e a morte de Ezequias. As duas nações de Israel, Reino do Norte e do Sul, nunca haviam perdido a sua autonomia. Nos primeiros quinhentos anos de povo constituído, não existia nenhum império capaz de perturbá-lo profunda e permanentemente.

Na metade do século oitavo, a Assíria impetrou um projeto para tornar-se um grande Império. Pequenos povos foram devastados, entre eles o Reino do Norte. Sobre esse período temos informações valorosas no livro dos Reis. Com a morte de Jeroboão (746), o Estado do Norte passa por um desastre.

A Assíria ambicionava as terras além do Eufrates, por causa da valiosa madeira e porque era a porta para o Egito, tinha um projeto que se resumia em três ações: conquistar, ocupar e dominar. O imperador responsável pelo ressurgimento da Assíria foi Teglathalassar III, que governou de 745 a 727, era enérgico e capaz. Dominou a Babilônia e o oeste do Eufrates – Urartu. Fez, a partir de 743, muitas campanhas a oeste contra a Síria. Em 738, se não antes, Teglathalassar extorquiou tributos da maioria dos Estados da Síria e do norte da Palestina, até de Emat, Tiro, Biblos,

Damasco e Israel.

As campanhas de Teglathfalasar III diferenciavam de seus predecessores no seguinte: não eram para extorquir tributos, mas sim para realizar uma conquista permanente. Quando havia rebeliões, habitualmente ele deportava os culpados e incorporava suas terras às províncias do Império. Tinha a intenção de destruir qualquer intenção patriótica capaz de alimentar a resistência.

Ao contrário do Império forte que a Assíria estava se tornando, a anarquia política tomou conta de Israel, relatada em 2 Rs 15, 8-28. Nos dez anos que seguiram a morte de Jeroboão, Israel teve cinco reis, três dos quais se apoderaram do trono pela violência, e nenhum deles com a mais leve pretensão de legitimidade. A retirada da mão forte de Jeroboão e a crescente ameaça assíria revelavam claramente a extensão a que tinha chegado a desintegração social. Sob o reinado de Faceia (737-721), Israel deu passo em falso fatal e atraiu sobre si a cólera da Assíria. Uma das situações mais críticas da história de Israel foi a guerra Siro-Efraimita (Is 7-8; 2 Rs 16, 5ss). Sentindo o perigo da Assíria, o Reino do Norte (Faceia) fez aliança com Damasco e esperava também por Judá. O Reino do Sul (Ozias) não se aliou, e por isso, surgiu a guerra entre os dois reinos. Judá pediu apoio à Assíria, que veio em seu socorro. Damasco foi destruída e o reino do Norte sofreu duras derrotas e, antes que a capital fosse tomada, uma revolta interna derrubou o rei, e Oseias (não o profeta) assumiu o governo e pagou tributos à Assíria.

Por ocasião da sucessão na Assíria (Sargão II assumiu o lugar Salmanasar). Oseias aproveitou para romper com a Assíria, buscando ajuda do Egito. Foi o suficiente para um novo ataque. No ano 722 a.C., a Assíria invadiu o reino do Norte, levou os líderes ao exílio e colocou ali outros povos de culturas e religiões diversas (2 Rs 17, 24-42). O reino do Norte nunca mais voltou a se organizar como nação.

Ezequias (715-687/6), tornando-se rei de Judá, representava uma forte esperança na reestruturação política, social e religiosa de seu povo. Existe divergência a respeito da data em que Ezequias se tornou rei de Judá. Um método baseia-se em 2 Rs 18, 9-10, onde relata que a conquista de Israel ocorreu no sexto ano do reinado de Ezequias. Segundo os anais assírios, a conquista de Israel aconteceu em 722 a.C., sendo assim, seus anos de reinado teriam sido de 727 a 698 a.C.

Outro método toma por base 2 Rs 18, 13 e Is 36, 1 que afirma que Senaquerib marchou para Laquish no décimo quarto ano do reinado de Ezequias e, de acordo com os anais de Senaquerib, sua jornada ocorreu em 701 a.C. De acordo com a segunda hipótese, o reinado de Ezequias teria sido de 715 a 686 a.C. Tomaremos por base a segunda hipótese. A análise do texto de 2 Rs 18, 13-16 norteará a pesquisa.

Em 2 Cr 32, 27-29, apresenta-se Ezequias como dono de inúmeras riquezas. O território do Reino de Judá ficava próximo de dois caminhos de comércio, da Arábia até Damasco e do Egito até Damasco, sendo assim, tornaram-se pontos de parada para os comerciantes que pagavam imposto de 20 a 25% do que portavam. O rei adquiriu assim muitos produtos de outras regiões, como: ouro, prata, especiarias, madeiras raras, pedras preciosas e os mais variados tecidos e perfumes. O rei também desenvolveu a agricultura.

A guerra contra os filisteus também rendeu a Ezequias doações, presentes e tributos, descritos em 2 Cr 31, 11-12 e 2Cr 32, 23. Todas as contribuições eram guardadas no Templo e no palácio. E em dias de necessidade, o rei usava de suas duas fontes para pagar dívidas como no relato do cerco de Laquish:

O rei da Assíria exigiu de Ezequias, rei de Judá, trezentos talentos de prata e trinta talentos de ouro, e Ezequias entregou toda a prata que achava no Templo de Iahweh e nos tesouros do palácio real. (2Rs 18, 14-15)

Ezequias, filho de Acaz, imbuído de grande sentimento patriótico, sentia amargamente o domínio da Assíria e, de início, com mais cautela, depois com ousadia, ele procurou livrar-se da Assíria “[...] ele teve êxito em todos os seus empreendimentos. Revoltou-se contra o rei da Assíria e não mais lhe foi submisso.” (2Rs 18,7)

A revolta de Ezequias contra Senaquerib foi motivada por: desejo de libertação do jugo da Assíria e de independência para Judá; unificação territorial e política do extinto reino de Israel com Judá; e alcance da hegemonia de Israel, atacando províncias assírias.

Além das motivações acima, fatores religiosos influenciaram diretamente Ezequias a reconstituir a independência de Judá e havia apreciável porção de gente em Judá que se deixava influenciar por ideias de reforma. Enquanto Judá estivesse sob o domínio da Assíria nenhuma reforma satisfatória poderia ser realizada. A adoração dos deuses assírios, que tinha sido um fermento de paganismo, não podia ser afastada, pois isso constituiria um ato de rebelião.

O dogma da aliança eterna de Iahweh com Davi reafirmava que Iahweh havia escolhido Sião como sede terrena do seu governo, tendo prometido a Davi uma dinastia que deveria reinar para sempre e triunfar sobre todos os seus inimigos. No entanto, um rei pecador atraiu o castigo sobre si mesmo e sobre a nação, pois não se podia admitir que a dinastia pudesse acabar ou que as promessas falhassem. Uma teologia desta natureza só poderia encarar aquela humilhação como sinal de desagrado divino para com o rei de então.

Profecias surgiram falando da vinda de um rei melhor – um ideal davídico – dotado de carisma divino. A reforma de Ezequias foi grandemente eficaz, sendo precursora da reforma de Josias, feita quase um século mais tarde. Não contente em afastar as práticas estrangeiras introduzidas ultimamente por Acaz, Ezequias começou a remover objetos de culto por muito tempo associados

popularmente ao javismo. A menor delas foi (2Rs 18,4) a remoção de uma imagem de bronze de uma cobra, que tinha fama de ter sido feita pelo próprio Moisés e que fora colocada no templo desde tempos imemoriais.

A política de Ezequias não tinha por finalidade somente a independência de Judá, mas também envolvia a reafirmação das pretensões dinásticas representadas pelo sonho da reunião de Israel do norte e do sul sob o trono de Davi e também a reativação de Jerusalém como santuário nacional de Israel inteiro.

Enquanto Sargão reinou, não houve nenhum rompimento aberto com a Assíria. Mas, quando o rei foi sucedido por seu filho Senaquerib (704-681), Ezequias, pensando evidentemente que a ocasião era propícia, recusou formalmente o tributo (2 Rs 18, 7) e tomou providências para defender a sua independência. Dessa forma, surgiu o desencadeamento da rebelião que gerou o cerco militar de Laquish.

Senaquerib, ao assumir o trono, deparou-se com uma dupla rebelião, em ambas as extremidades de seu reino.

Na Babilônia, Marduk-Aplaidin (Merodac-Baladã), o príncipe caldeu que mantivera sua independência contra Sargão durante a maior parte do reinado deste, restabeleceu-se como rei e, com a ajuda elamita, estava desafiando os esforços assírios para destroná-lo (somente em 702 é que conseguiram). Simultaneamente, a revolta fervia no oeste. Isso fazia parte de um plano conjunto, pois sabemos que Merodac-Baladã enviou mensageiros a Ezequias (2Rs 20, 12-19; Is 39), como sem dúvida o fizera com relação a outros reis, procurando obter sua participação. (BRIGHT, 2003, p. 345)

O Egito também deveria dar seu apoio. Conforme a revolta se espalhava em toda parte, na Palestina e na Síria, formou-se uma colisão considerável. O rei de Tiro era o chefe, seguido também por outras cidades fenícias. Na Filisteia, embora Asdod

e Gaza se mantivessem indiferentes, Ascalon e Ecron estavam profundamente empenhados.

Isaías admoestou Ezequias a respeito da situação dizendo ser loucura a rebelião contra Iahweh, entretanto, Ezequias tomou parte na coalizão e enviou mensageiros ao Egito para negociar um tratado. (cf. Is 30, 1-7; 31, 1-3). Padi, rei de Ecron, permaneceu leal à Assíria e foi entregue por seus súditos a Ezequias e feito prisioneiro em Jerusalém. Para o profeta, “a aliança com o Egito não era outra coisa do que uma quebra de confiança com Javé e, já por isso, estava fadada ao fracasso” (DONNER, 1997, p. 370). Em 2 Rs 18,8, vemos que Ezequias usou de força contra as cidades relutantes dos filisteus. Ezequias sabia que o risco do ataque era iminente e procurou providenciar defesas e preparar-se para o caso de um cerco:

a. reorganizou a administração de Judá e construiu cidades-celeiros para armazenar alimentos “bem como depósitos para as colheitas de trigo, de vinho e de azeite, estrebarias para todas as espécies de animais e currais para os rebanhos” 2Cr 32, 28;

b. Organizou o exército:

Nomeou comandantes militares para o povo e reuniu-os na praça da porta da cidade, onde lhes dirigiu a palavra para encorajá-los: ‘Sede fortes e corajosos. Não tenhais medo nem vos assusteis diante do rei da Assíria nem diante de toda a multidão que o acompanha, pois conosco está quem é mais forte do que ele. O braço com quem ele conta é carne, mas nós contamos com o Senhor, nosso Deus, que nos vai ajudar e batalhar por nós’. E com essas palavras de Ezequias, rei de Judá, o povo ficou confiante. (2Cr 32, 6-8)

c. Fez pactos com seus vizinhos: “tomais o caminho para descer ao Egito, sem pedir o meu conselho, pedis proteção ao faraó e à sombra do Egito quereis vos abrigar” (Is 30, 2);

- d. Fortaleceu Jerusalém e outras cidades do reino: “depois desses acontecimentos e dessas provas de fidelidade houve a invasão de Senaquerib, rei da Assíria. Entrou em Judá e sitiou as cidades fortificadas, pensando em conquistá-las” (2Cr 32, 1).
- e. Trouxe água para dentro de Jerusalém: “reuniu-se uma grande multidão de gente que se pôs a obstruir todas as vertentes e a torrente que atravessava a região, dizendo: ‘Será que os reis da Assíria, ao chegarem, devem encontrar água em abundância?’” (2Cr 32, 4).

3. O cerco militar na cidade de laquish

As cidades garantiam sua segurança através de muralhas e bastiões, visto que os inimigos só possuíam armas de arremesso, arcos e fundas. Era necessário ou algum plano de grande estratégia ou então a paciência de um cerco. Quando se optava por um cerco, o acampamento inimigo era instalado diante da cidade, os caminhos eram bloqueados, os pontos de água eram ocupados e esperava-se que a fome e a sede minassem a resistência dos habitantes.

Com a resistência enfraquecida, apressava-se a definição com o assalto, um aterro era feito diante da muralha para fornecer uma rampa de acesso, sapadores abriam uma brecha. Chegando ao pé da muralha, os atacantes ficavam expostos aos golpes dos defensores, que redobravam seus esforços nesse momento crítico. Os assírios utilizaram madeiramentos dispostos em sacadas sobre as frontarias e os bastiões de onde os arqueiros e os fundeiros podiam atacar o pé da muralha ficando ao abrigo dos dardos, era o equivalente às sacadas da arquitetura militar da Idade Média.

Existem três fontes que tratam sobre as jornadas de Senaquerib: os anais de Senaquerib, as fontes bíblicas e os relevos assírios de Laquish. Os anais de Senaquerib descrevem a incursão militar que realizou na Síria e em Israel, é uma fonte muito importante para o tema, contudo não utilizamos como base para a pesquisa,

visto que excederia os limites do plano de trabalho e, dessa forma, abre espaço para a continuidade da pesquisa.

As jornadas de Senaquerib estão presentes nas seguintes perícopes bíblicas: 2 Rs 18, 13-37; 19, 1-37; 2Cr 32, 1-22; Is 22, 9-12, 36, 1-22, 37, 1-38; Mq 1, 9-16. Uma pesquisa exegética detalhada de todos os textos e um trabalho de paralelismo enriqueceria muito o tema estudado, entretanto excederia os limites propostos pelo plano de trabalho. Desta forma, tomamos por base a narração de 2 Rs 18, 13-16.

No décimo quarto ano do rei Ezequias, Senaquerib, rei dos Assírios, marchou contra todas as cidades fortificadas de Judá e as tomou. Então, Ezequias, rei de Judá, enviou mensageiros ao rei dos assírios, em Laquish, dizendo: “Cometi uma falta. Retira-te de mim, e farei tudo que me impuseres.” O rei dos assírios impôs a Ezequias trezentos talentos de prata³ e trinta talentos de ouro⁴. Ezequias entregou toda a prata que encontrou na Casa do Senhor e nos tesouros do rei. Naquele tempo, Ezequias demoliu as portas e os marcos da Casa do Senhor, que tinham sido cobertos de ouro, para dar o ouro ao rei dos Assírios. (2Rs 18, 13-16)

O relato bíblico não descreve informações detalhadas sobre a organização militar, visto que os redatores do livro dos Reis tinham por objetivo mostrar as ações dos reis em relação à concentração do culto em Jerusalém e indicar os pecados que trouxeram a destruição de Jerusalém.

Em 701, Senaquerib estava pronto para atacar, visto que tinha sob seu domínio a Babilônia pacificada. A respeito do cerco, DONNER descreve que “em torno de Jerusalém foi formado um anel de sítio” (1997, p. 373). Judá não conseguiu opor uma resistência digna de menção às tropas assírias, somente as fortificações fronteiriças ocidentais, Laquish e Libna, conseguiram resistir por

³ Dez toneladas de prata.

⁴ Uma tonelada de ouro.

algum tempo.

Quando a resistência foi quebrada por completo, Ezequias, isolado em Jerusalém, submeteu-se a Senaquerib e pagou altíssimos tributos. O grande rei separou de Jerusalém o território de Judá, mas não o transformou numa província assíria; pelo contrário, deu-o a dinastas filisteus fiéis a Assur. A situação que se segue está exposta em Is 1,7-8.

É assim mesmo: vosso país está arrasado, vossas cidades, destruídas pelo fogo, as terras, bem diante dos vossos olhos, devoradas por estrangeiros. É a devastação, a invasão dos inimigos. Jerusalém, a filha de Sião, ficará como um rancho no vinhedo, uma choupana em plantação de pepinos, cidade cercada pelo inimigo.

A guerra de Senaquerib contra Judá é a narração mais extensa dos confrontos entre o povo de Israel e a Assíria. O conhecimento sobre essa campanha se dá, além da narração de 2 Rs 18, 13-16, também pelos anais de Senaquerib da sua “Terceira Incursão Militar”. O castigo imposto ao Reino de Judá, a rendição de Ezequias e o detalhamento dos inúmeros tributos enviados a Nínive é descrito nos mesmos anais.

A descrição do final do confronto apresenta uma diferença entre as duas fontes, bíblica e assíria. A bíblica relata a derrota milagrosa de Senaquerib, enquanto que os anais assírios afirmam a derrota de Ezequias. Essa discordância gerou algumas hipóteses, dentre elas que houve duas jornadas de Senaquerib para Judá. Bright (cf. 2003, p. 360-373) pondera que essa discussão não pode ser resolvida por falta de evidências, e ainda sim, aceita a possibilidade de duas campanhas, uma em 701 a.C. e outra alguns anos mais tarde, baseia-se na divisão do relato bíblico de 2Rs 18, 13-16 e os anais de Senaquerib falam sobre a jornada de 701 a.C., enquanto os outros trechos em 2Rs sobre o assunto relatam outra campanha dos assírios. Assumimos, nessa pesquisa, a possibilidade de duas campanhas, conforme o posicionamento de Bright.

As invasões assírias foram desastrosas, tanto Tiro como a Israel e os reis de perto e de longe – Biblos, Arvad, Asdod, Moab, Edom, Amon acorreram a Senaquerib com tributo. Os Estados de Ascalon e Ecron, juntamente com Judá, ainda resistiam. Senaquerib marchou contra Ascalon, Ecron e outras cidades rebeldes da Palestina sem nenhuma dificuldade e castigou os revoltosos com execução ou exílio. Depois se voltou contra Judá e dominou 46 cidades fortificadas, deportou os habitantes e prendeu Ezequias e suas tropas.

Escavações de Laquish revelam grande destruição da cidade e uma cova de enorme proporção com aproximadamente mil e quinhentos corpos sobre os quais havia ossos de porcos e entulhos (cf. BRIGHT, p. 347). Ezequias não tinha saída e quando ainda se formava o cerco pede tregua a Senaquerib que restitui o rei de Ecron (prisioneiro em Jerusalém) ao trono, divide o território de Judá entre ele e os reis de Asdod e Gaza, além de exigir tributos altíssimos de Ezequias, que foi obrigado a despojar o templo e os tesouros reais, que, juntamente com algumas de suas filhas, foi enviado a Nínive.

Senaquerib deixou Judá devastada, muitas cidades não conseguiram mais se reconstruir, como, por exemplo, Laquish. Algumas cidades do reino de Judá foram divididas por entre os reis de Ashdod, Ekron e Gaza.

Os relevos de Laquish foram gravados numa parede central do palácio real de Senaquerib, em Nínive, e apresentam a conquista de Laquish de forma extensa e detalhada. O desenho mostra a topografia exata da cidade, bem como sua vegetação. As escavações feitas no local confirmam a veracidade do evento desenhado.

Os assírios esculpiam relevos parietais não como mera atividade artística para decoração, eram um instrumento de propaganda da ideologia assíria, vinculada à figura do rei. As cenas de guerra,

de soldados empunhando armas, cercando uma cidade inimiga, mutilando, prendendo, deportando, empalando ou cortando as cabeças dos inimigos, serviam como uma recomendação àqueles que circulavam pelo palácio, nativos ou estrangeiros, que mostravam a força da guerra assíria e o que poderia acontecer com aqueles que não obedecessem. Em síntese, os relevos possuíam uma função política, vinculada a três perspectivas distintas: a utilização de recursos violentos; o uso de uma construção ideológica repleta de simbolismo; e a associação da ideia de poder extremo, vinculada à imagem do soberano.

Os relevos apresentam uma organização bélica de altíssimo nível estratégico. Os carros de combate eram feitos de madeira e recobertos com uma grossa camada de couro. No seu interior havia uma espécie de depósito com pipas de água que jorravam para fora do carro (ver figura 1).

As rampas íngremes eram construídas pelos soldados para aproximá-los dos muros da cidade inimiga e possibilitar o acesso dos carros de guerra. Formavam trincheiras para que os soldados se protegessem dos ataques de flechas e de pedras que poderiam ser arremessadas dos muros das cidades fortificadas, como Laquish.

Os arqueiros representam uma categoria muito importante, eram oficiais e eram seguidos de duplas de soldados na retaguarda. Percebe-se que essas duplas de soldados eram compostas de um escudeiro, que fazia a proteção do oficial arqueiro. Os arcos de flechas eram confeccionados a partir da combinação de diferentes materiais, sobretudo de uma madeira maleável, fácil de obter curvatura de manuseá-la. As armaduras protegiam o tórax e compunham o vestuário de um soldado assírio. As espadas, que poderiam ser de ferro, tinham longas bainhas decoradas, as adagas eram feitas de bronze ou ferro. As lanças eram confeccionadas de madeira e em uma das extremidades tinham uma folha de bronze ou ferro em forma de triângulo.

O cerco exigia paciência, as batalhas poderiam durar meses, visto que se construíam as rampas para ultrapassar as muralhas. A mobilização dos soldados, funcionários e obreiros nos arredores da cidade servia para reforçar o estado de sítio dos adversários, já que não poderiam sair para comercializar e com o passar do tempo os levariam a escassez de alimentos.

Com a rendição de Ezequias, as tropas retornam a Nínive, os soldados são recebidos por Senaquerib sentado em seu trono. Nele está a inscrição que possibilitou a identificação desse relevo com a jornada de Senaquerib contra Laquish (ver figura 3).

Pelos relevos de Laquish pode-se estabelecer um paralelo de dados arqueológicos e bíblicos, através do pictórico e do escrito. Sendo assim, o cerco militar de Laquish podem ser estudadas e compreendidas as ações militares do mundo antigo, com suas consequências para a história de Israel.

Figura 1 - Ataque a Laquish com arqueiros que atiram protegidos por seus escudos (Pritchard: 1954, 130).

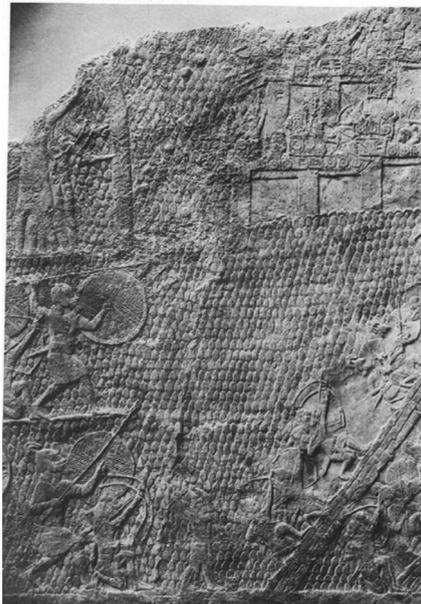


Figura 2 - Um trio de soldados assírios num carro de guerra. Um deles conduz o carro, um segundo atira flechas e o terceiro utiliza um escudo para proteção de todos (Bertman: 2003, 266).

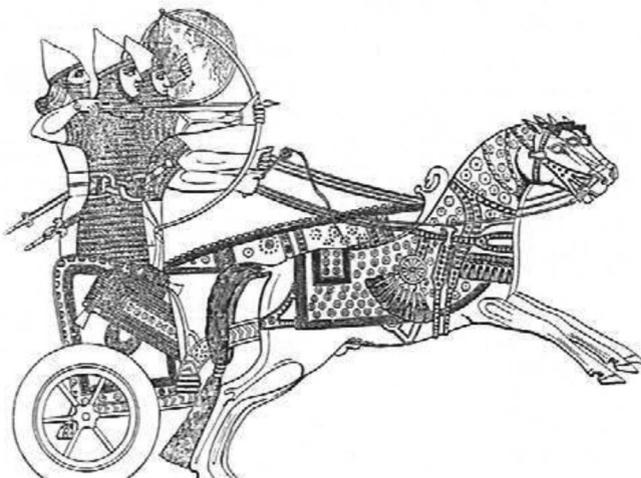
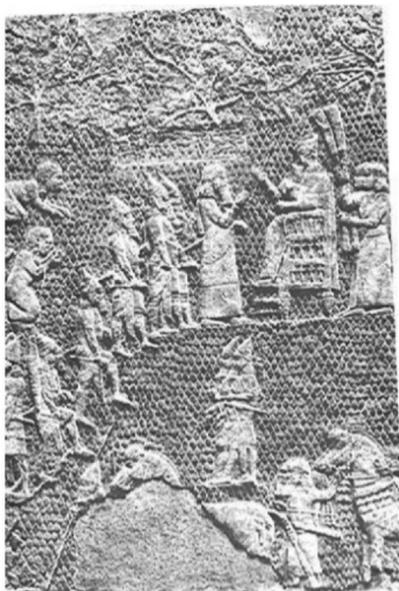


Figura 3 - Rei Senaquerib recebendo relatório da batalha de Laquish (Rossi: 2008, 105).



Conclusão

O desafio inicial da pesquisa foi adotar duas linhas de abordagem do tema: teológica e histórica. O objetivo norteou os passos da pesquisa buscando reconstruir a história de um dos principais cercos do mundo antigo, realizado na cidade de Laquish. Essa reconstrução se deu através de fontes históricas a respeito da cultura e da organização social do Império assírio. Três verbos sintetizam a ação militar assíria: conquistar, dominar e ocupar. A guerra era motivada pela expansão territorial, mas os métodos utilizados extrapolavam e muito essa motivação, revelando uma violência exacerbada e cruel para com os povos menores.

Fontes bibliográficas muito importantes a respeito da história da Assíria ainda não possuem traduções, o que limitou o aprofundamento, entretanto, as fontes em português disponíveis responderam aos objetivos da pesquisa. Uma continuidade à pesquisa exigirá aprofundamentos bibliográficos.

A história de Israel está profundamente marcada por sua teologia e os relatos bíblicos são fontes importantes para reconstruir a história de um povo que se considera a nação escolhida por Deus. O relato bíblico de 2 Rs 18, 13-18 descreve o cerco militar na cidade de Laquish. Ezequias, rei de Judá, sob o domínio da Assíria, rebela-se buscando uma reforma política e religiosa para seu povo, acreditando ser o momento certo para a rebelião visto que Senaquerib acabará de ser elevado rei.

Senaquerib aguarda o momento certo para o ataque, depois de ter pacificado a Babilônia, e envia seu exército para 46 cidades fortificadas. Judá não conseguiu opor uma resistência digna de menção às tropas assírias, somente as fortificações fronteiriças ocidentais, Laquish e Libna conseguiram resistir por algum tempo. Quando a resistência foi quebrada por completo, Ezequias, isolado em Jerusalém, submeteu-se a Senaquerib e pagou altíssimos tributos.

O relato bíblico juntamente com os relevos descreve uma história de violência militar de um Império fortemente preparado para conquistar povos menores, com métodos cruéis de dizimação e ocupação dos territórios. O sentimento patriótico fica diretamente afetado e o sustento da nação de Israel fica sendo as promessas davídicas de restauração.

O cerco militar de Laquish foi o eixo articulador desta pesquisa, que tinha por objetivo, reconstruir a história de um povo em um período de dominação. A pesquisa nos leva a compreender o mundo antigo pelo prisma da guerra. O desenvolvimento histórico das nações passa, diretamente, pelas batalhas estabelecidas entre as nações.

De um lado, o Império Assírio, fortemente marcado por uma ambição sem limites que se expressa através de uma violência extrema, guerras e crueldades, motivados pelo desejo de expansão. Por outro lado, Ezequias, tornando-se rei de Judá, representava uma forte esperança nas reestruturações política, social e religiosa de seu povo. Desejava a libertação do jugo assírio e, aliando-se a povos vizinhos, deixa de pagar tributos à Assíria.

O cerco militar na cidade de Laquish foi a resposta de Senaquerib a Ezequias. A Assíria possuía um potencial bélico inigualável, sitiou Laquish e aguardou a fome bater à porta da cidade. Vendendo-se sem saída, Ezequias rende-se e paga altíssimos tributos a Senaquerib; ouro e prata são retirados do templo e do palácio.

As consequências foram devastadoras para o povo de Israel. As jornadas de Senaquerib invadiram 46 cidades e as destruiu; algumas cidades foram entregues a reis aliados e aqueles que permaneceram vivos foram deportados e escravizados. Tanto o relato bíblico, como os relevos neoassírios apontam para uma história de violência e de opressão. A dor de povos inteiros dizimados pela crueldade é parte integrante desta história. Um povo que por séculos lutou pela sua independência e por sua terra e

que, de exílio após exílio, depositava sua confiança nas promessas davídicas de um soberano que os libertasse da opressão.

Referências

BERTMAN, S. **Handbook to Life in Ancient Mesopotamia**. New York: Oxford University Press, 2003

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2008.

BRIGHT, J. **História de Israel**. São Paulo: Paulus, 2003.

DONNER, H. **História de Israel**. Volume 2. Petrópolis: Vozes, 1997.

GOTTWALD, N. K. **As tribos de Iahweh**. São Paulo: Paulinas, 1986.

KESSLER, R. **História social do antigo Israel**. São Paulo: Paulinas, 2009.

LIVERANI, M. **Para além da Bíblia – história antiga de Israel**. São Paulo: Paulus, 2008.

NOTH, Martin. **História de Israel**. Barcelona: Ediciones Garriga, 1966.

PRITCHARD, J.B. **The Ancient Near East In Pictures**. Princeton: Princeton University Press, 1954.

ROSSI, Luiz A.S. **Cultura militar e de violência no mundo antigo**. São Paulo: AnnaBlume, 2008.

SCHNIEDEWIND, W.M. **Como a Bíblia se tornou livro**. São Paulo: Loyola, 2011.